

RESENHA

FONOLOGIA, FONOLOGIAS: UMA INTRODUÇÃO

Henrique Miguel de Lima Silva¹
Danielli Cristina de Lima Silva²

HORA, Dermeval da; MATZENAUER, Carmem Lúcia. **Fonologia, fonologias: uma introdução**. São Paulo: Contexto, 2017.

Publicado pela editora Contexto, o livro “Fonologia, fonologias: uma introdução” reúne trabalhos dos pesquisadores brasileiros com o objetivo de tornar acessíveis aos estudantes de graduação e pós-graduação as principais perspectivas de investigação em Fonologia utilizados pelos grandes centros de investigação no Brasil.

Organizado pelos professores Dermeval da Hora e Carmen Lúcia Matzenauer, vinculados ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba – PROLING/UFPB e ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Católica de Pelotas – PPGL/UCPEL, respectivamente, a referida obra evidencia os principais modelos fonológicos, bem como suas contribuições para estudar processos de variação e mudança linguística sob múltiplos olhares.

Além da apresentação, este livro comporta onze capítulos, em 187 páginas. A primeira parte descreve as contribuições oriundas do século XX com Trubetzkoy, Jakobson, dentre outros que fizeram com que a Fonologia fosse percebida como um dos ramos passíveis de investigação, bem como as contribuições de Labov ao defender a premissa de língua como sistema heterogêneo regido por regras e pressões internas e externas. Em linguagem bastante acessível, os textos discutem os modelos fonológicos e seus desdobramentos para o estudo da língua, bem como com escopo voltado para estudantes de graduação e pós-graduação interessados em Fonologia, variação e ensino.

Neste sentido, no primeiro capítulo, **Fonologia Estruturalista**, Juliene Pedrosa e Rubens M. Lucena discutem a Fonologia considerando a definição de língua proposta por Saussure, concebida como ponto de partida para as discussões fonológicas. Os autores evidenciam os principais fundadores da Fonologia estruturalista, como Baudoin de Courtenay, Nikolai Trubetsky, Roman Jakobson, Edward Sapir e Leonard Bloomfield. Além disso, os autores discorrem sobre as noções fundamentais para as investigações das gramáticas fonológicas das línguas desenvolvidas pelos pesquisadores citados. Ao abordar conceitos como distintividade, fonema, alofone, distribuição complementar, traço distintivo, neutralização e marcação, os autores do capítulo evidenciam como esses teóricos contribuíram para a perspectiva estrutural da Fonologia. Convém ressaltar a clareza com que os autores deste capítulo elaboraram o texto, contribuindo de forma significativa para que os interessados na temática tivessem um panorama histórico de modo coeso, coerente e claro.

¹ Pós-Doutorado em Ensino pelo PPGE/UERN. Doutor em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba – PROLING – UFPB. Professor adjunto do Departamento de Língua Portuguesa e Linguística e docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Ensino – PGL da UFPB. E-mail: Henrique.miguel.91@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1394-9173>

² Mestre em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba – PROLING – UFPB. Membro do LAPROL – Laboratório de Processamento Linguístico. E-mail: limaanacrisdani@gmail.com.

No segundo capítulo, **Fonologia Gerativa**, Seung Hwa Lee discute a construção da gramática gerativa de uma língua considerando o modelo fonológico do falante-ouvinte com base nas regras do sistema proposto por Chomsky. Ao descrever as bases da fonologia gerativa, o autor explicita a estrutura da fonologia das línguas, mostrando as regras como o foco e objeto, considerando as representações das estruturas superficiais e subjacentes. Além disso, o autor mostra as regras de expressão formal e simbólica do conhecimento fonológico e a relevância dos traços distintivos como componente que revela as mudanças sonoras do componente fonológico de uma língua natural. Convém ressaltar a organização pedagógica e clara com que o autor discute a teoria e evidencia seu funcionamento de modo prático, bem como as contribuições deste modelo para a área de variação e mudança linguística.

No terceiro capítulo, **Teoria dos Traços**, Carmen Lúcia Matzenauer e Ana Ruth Moresco Miranda iniciam, de modo sintético, a história dos traços nos estudos fonológicos do Círculo Linguístico de Praga, Trubetzkoy (1939) e Jakobson (1939); seguido da Fonologia Gerativa Clássica de Chomsky e Halle (1939) e finalizando com a Fonologia Autossegmental e Geometria de Traços, de Clements (1985, 1991) e Clements e Hume (1995).

Com o intuito de evidenciar como os traços são formados para os modelos fonológicos citados, considerando-os como componentes mínimos que formam a estrutura interna fonológica das línguas e como este componente é percebido com base nestes modelos. Além disso, as autoras evidenciam como estes traços implicam nos processos de variação; mudança e aquisição de sistemas linguísticos.

No quarto capítulo, **Fonologia Autossegmental**, Dermeval da Hora e Ana Vogeley discorrem acerca dos principais avanços com base na Fonologia Autossegmental como proposta de estudo não linear que possibilita compreender os processos fonológicos envolvendo vogais e consoantes, entendendo as representações fonológicas como multidimensionais com base em arranjos e várias camadas que, por sua vez, são ligadas por linhas de associação. Os autores avançam na compreensão de como os traços são formados, considerando a perspectiva gerativa e contribuem para o estudo de processos linguísticos existentes na língua e no processo de aquisição de modo claro e objetivo, facilitando a compreensão por parte do leitor.

No quinto capítulo, **Fonologia Lexical**, Leda Bisol discute esse modelo, considerando que o mecanismo de análise deve compreender dois componentes, partindo do mais elementar ao mais complexo: um lexical, com base na palavra e na interação entre a Fonologia e a Morfologia, sendo constituído de regras de aplicação categórica; e o pós-lexical, considerando a frase como domínio, espaço de regra variável, de resignificação e de regras como sândi. Convém destacar que o capítulo oferece ao leitor diversos exemplos práticos, o que, de fato, contribui para um melhor entendimento da proposta fonológica, bem como para a compreensão dos modelos propostos por Mascaró (1976) e Kiparsky (1973, 1982, 1985).

No sexto capítulo, **Fonologia Métrica**, José Magalhães e Elisa Battisti evidenciam as propostas fonológicas que lidam com o acento, iniciando pela proposta de Liberman e Prince (1977), no intuito de evidenciar como é representada a grade métrica, ou seja, as relações de proeminência entre sílabas acentuadas e sílabas desprovidas de acento. Em seguida, apresentam o modelo “só-grade”, de Prince (1985), a proposta de implementação de grade com constituintes, de Halle e Vergnaud (1987), e finalizam com a teoria paramétrica de pés troqueus e iâmbicos de Hayes (1995). Os diversos exemplos contidos no capítulo contribuem diretamente para o entendimento de como o acento é representado em diferentes línguas.

No sétimo capítulo, **Fonologia Prosódica**, Luciani Tenani evidencia como esta perspectiva fonológica compreende as estruturas prosódicas, que, por sua vez, são entendidas com base na identificação das informações de origem sintática e morfológicas para compreender os domínios de aplicação das regras fonológicas, considerando modelos *end-based* (SELKIRK, 1984) e *relation-based* (NESPOR, VOGEL, 1986). Para isso, a autora defende a premissa de que, ao investigar a sintaxe dos sons, o modelo prosódico compreende a

gramática de uma língua com base nas evidências rítmicas e entonacionais da organização prosódica do sistema, bem como dos processos segmentais. Além disso, Tenani ressalta a relevância desse modelo na compreensão da estrutura prosódica das línguas, bem como de sua hierarquia, o que, sem dúvida, contribui diretamente para a descrição das línguas e suas variedades.

No oitavo capítulo, **Teoria da Sílabas**, Ubiratã Kickhofel Alves discorre sobre os desafios de elaborar uma definição da sílaba enquanto proposta representacional e evidencia a necessidade de compreender esta unidade dentro do sistema fonológico da língua. O autor tem como base a definição autosegmental de Kahn (1976), Clements e Keyse (1983), na perspectiva arbórea de Selkirk (1982) e no modelo mórico de Hyman (1984) e Hayes (1995). Alves considera ainda a silabação e a atribuição dos segmentos, considerando o Princípio da Soronidade de Clements (1990) e a Lei do Contato Silábico (MURRAY; VENNEMANN, 1983), bem como a proposta de Bisol (1999, 2013) e de Selkirk (1982), evidenciando a relevância dos estudos sobre sílaba para a descrição das línguas e da relação entre acento e estrutura prosódica.

No nono capítulo, **Teoria da Otimalidade**, Luiz Carlos Schwindt e Gisela Collischonn apresentam a Teoria da Otimalidade proposta por Prince e Smolensky (1993) e MacCarthy e Prince (1993a,b). Os autores partem de um exemplo da estrutura da sílaba em português para compará-lo com modelos fonológicos antecessores. Ainda em se tratando do capítulo, Schwindt e Collischonn discutem sobre os componentes da gramática e suas propriedades fundamentais, em cada uma das propostas discutidas, mostrando toda a evolução da teoria e as principais perspectivas de investigação, bem como sugestões de leituras para aprofundamento deste modelo fonológico.

No décimo capítulo, **Teoria dos Exemplos**, Thaís Cristófaros Silva e Christina Abreu Gomes discorrem sobre esse modelo de estudo Fonológico. As autoras defendem como representacional para a Fonologia o fato de se basearem em probabilidades e cálculos estatísticos, bem como pelo fato de desconsiderar as concepções discretas para o fonema em detrimento da compreensão de que as estruturas neuronais e a experiência do indivíduo contribuem diretamente no processo de conhecimento linguístico de modo comum aos demais processos biológicos. Além disso, as pesquisadoras colocam em destaque o fato de que os modelos teóricos que discutem esta premissa afirmarem que as experiências fazem relação com as representações mentais, considerando o uso da língua e os cálculos probabilísticos. Por fim, as autoras ressaltam que as representações fonológicas são complexas e constroem um mapa cognitivo que, por sua vez, formam representações abstratas. Convém destacar que este modelo contribui diretamente para o desenvolvimento experimental e, por conseguinte, para a construção de representações gramaticais abstratas.

Por fim, no décimo primeiro capítulo, **Fonologia de Laboratório**, Eleonora Cavalcante Albano discorre sobre o posicionamento metodológico para o desenvolvimento de pesquisas laboratoriais com base na Fonologia. Dito de outra forma, a autora comprova que é mais um posicionamento do que uma teoria em si. Para isso, a autora se baseia no método experimental para observação do objeto, considerando as condições de observação, tomando como base as ciências experimentais, como a Física, aplicadas às Ciências Sociais e Humanas e evidencia o crescimento desta perspectiva em campos como Linguística, Sociologia, Antropologia e Psicologia.

Diante do exposto, podemos afirmar que este livro cumpre um papel indispensável para os estudos fonológicos ao evidenciar os principais modelos, suas aplicações, limitações e, principalmente, contribuições para os estudos de categorias fonológicas. Além disso, destacamos que esta obra contribui diretamente para o estado da arte dos estudos sobre Fonologia, variação e mudança desenvolvidos no Brasil nas últimas décadas, sendo, portanto, destacáveis os seguintes valores da obra: a) caráter didático e elucidativo, considerando os

exemplos contidos nos capítulos resenhados; b) consolidação dos modelos fonológicos adotados no Brasil e no mundo; c) e, por fim, contribuição dos estudos fonológicos para a língua(gem), considerando seu grande papel nos estudos linguísticos, na descrição de diversos processos fonológicos do português brasileiro, do ensino de língua e na reflexão sobre a heterogeneidade linguística.

Neste sentido, a referida obra impulsiona novos conhecimentos, bem como fomenta o desenvolvimento de novas pesquisas com base nos modelos fonológicos descritos; propicia visitar processos fonológicos já descritos, considerando outros modelos fonológicos e, principalmente, avançar no estado da arte. É justamente pelos motivos citados que a leitura desta obra é recomendada para pesquisadores da Linguística e áreas afins, considerando discentes e professores de graduação e pós-graduação.

Submetido em 13/02/2022

Aceito em 13/05/2022